



Panorama da **AQUICULTURA**

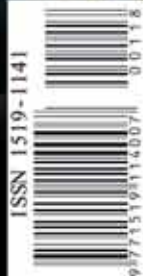
CAMARÃO:

**USO DE BIOFLOCOS REDUZ
DEPENDÊNCIA DE ALTO TEOR PROTÉICO**



Ração:
como aferir
a qualidade?

Apertem os cintos:
a China vem aí!



E mais: Como determinar o real agente causador de uma doença • Probióticos na aquicultura (Parte II) • Camarões SPF como solução em Santa Catarina • Os bons ventos da carcinicultura brasileira • Codevasf inaugura Centros de Referência em Aquicultura • Nativ Pescados inaugura processadora • Criada a RAA - Rede de Aquicultura das Américas • Notícias & Negócios • Calendário Aquícola



Aquicultura multitrófica integrada (IMTA) combinando cordas de macroalgas e moluscos com cultivo de peixes. Baía de Sungbo, China. Foto Jean U. Gent

Apertem os cintos: **A China vem aí!**



Por:
João L. Campos, M.Sc. em Aquicultura,
Acqua Imagem Serviços Ltda.
e-mail: joaocampos@acquaimagem.com.br

Ⓞ que foi pouquíssimo divulgado por toda a imprensa, aparecendo apenas em uma ou outra nota nos jornais e internet, é que uma das contrapartidas chinesas para a abertura do seu mercado para a carne do Brasil era a exigência da abertura do nosso mercado para os pescados chineses. Não acredito que a abertura do mercado de pescado brasileiro seja o único item presente na lista de exigências chinesas, mas todos nós podemos imaginar o que aconteceria. Seria uma batalha perdida para o setor aquícola brasileiro, dado o imenso peso do setor de carnes. É importante dizer que esta pressão vem sendo feita não apenas pelos chineses, mas também de uma maneira muito intensa por importadores, distribuidores e comerciantes (atacado e varejo – inclusive as grandes redes de supermercado) de pescado nacional, todos interessados em comprar pescado extremamente barato na China para vendê-lo no mercado nacional; um verdadeiro “negócio da China”.

Os interessados na importação do pescado chinês vêm trabalhando de maneira organizada, contando com o apoio de deputados e outros políticos, sempre com o argumento de que a abertura irá aumentar a concorrência e reduzir os

No início de abril tivemos em Brasília uma visita de alto nível do presidente da China, Hu Jintao, junto com vários ministros deste país. O Brasil esperava nesta ocasião finalmente conseguir retirar os impedimentos às exportações brasileiras de carnes que estão tecnicamente aprovadas, mas que na prática ainda esbarram em questões burocráticas, que têm impedido a venda de carne do Brasil àquele país. O mercado chinês pode, no curto prazo, representar para o Brasil vendas de centenas de milhões de dólares e, por isso, não é difícil imaginar a pressão que todo o setor exportador de carnes, junto com todo o peso do Itamaraty e outros órgãos do governo, estão fazendo para abrir as portas deste imenso mercado para a carne “Made in Brazil”. A reunião com os chineses acabou sendo encurtada por uma tragédia na China, um terremoto que matou centenas de pessoas e obrigou o retorno antecipado dos principais dirigentes. Este fato, assim como desavenças em vários pontos, impediu por hora que vários acordos fossem assinados, inclusive o da exportação de carnes.

preços do peixe para o consumidor. Uma agenda, portanto, nada má e de grande apelo para uma parcela significativa da nossa população, inclusive boa parte do governo. Há rumores que um deputado vem inclusive ameaçando o MPA e o MAPA em entrar com uma ação junto ao CADE em razão de uma suposta concorrência desleal e cobrança de preços abusivos por parte dos aquicultores brasileiros, exigindo a abertura do nosso mercado ao produto chinês.

Acredito que todos conseguem imaginar o tremendo estrago que a abertura irrestrita do nosso mercado para o pescado da China significaria para toda a aquicultura nacional. Sem dúvida a carcinicultura e os produtores de tilápia seriam os mais afetados no início, mas em pouquíssimo tempo todo o setor aquícola voltaria mais de uma década no tempo, quando a piscicultura dependia quase que exclusivamente dos pesque-pagues e a criação de camarões ainda engatinhava. Não estou exagerando, isto aconteceu no México, antes o principal produtor de tilápia das Américas (posição hoje ocupada pelo Brasil) e, atualmente, o segundo maior importador de tilápia chinesa do mundo, importando quase 40 mil toneladas de produtos de tilápia (filé +

peixe inteiro) ao ano. Outro motivo para preocupação é que os chineses, principais produtores mundiais de pescado, estão trabalhando seriamente para melhorar a qualidade de seus produtos, já atingindo um padrão de qualidade considerado bom pela maioria dos importadores americanos e europeus, embora ainda haja eventuais ressalvas com relação ao uso de produtos (medicamentos e outros químicos) na produção de peixes e crustáceos.

Como é que a China consegue produzir tão barato?

A questão fica ainda mais intrigante quando se sabe que o país importa parte significativa dos ingredientes utilizados para a produção de ração, como o farelo de soja, e a ração é normalmente o maior custo de produção da atividade. A competitividade chinesa está baseada principalmente nos seguintes fatores:

Baixo valor da moeda chinesa frente às outras moedas mundiais; situação oposta à do Brasil, que apresenta uma excessiva valorização do Real.

Grande escala de produção: o país produz mais de 35 milhões de toneladas de pescados através da aquicultura e é o maior exportador mundial. Em 2010 deve chegar a produzir 1,2 milhão de toneladas somente de tilápia. A grande escala permite que todo o setor opere com margens menores que as praticadas por aqui.

Baixo custo de produção: a mão de obra chinesa é muito mais barata que a brasileira, sendo este item o segundo maior custo de produção no setor de produção (aquicultura) e o maior custo no processamento. Há também um uso bastante grande de fertilizantes, especialmente nas fases iniciais de cultivo, o que ajuda a reduzir o custo de produção.

Eficiência da cadeia produtiva e logística: os produtores chineses são altamente especializados nos segmentos em que atuam (ex: produtores de alevino de tilápia só fazem isto, por exemplo) e a cadeia não sofre de tributações como ocorre no Brasil. A logística do pescado chinês é muito melhor e mais barata que a do produto brasileiro, especialmente os portos.

Com a abertura do nosso mercado cada vez mais próxima (acreditem, vai acontecer mais cedo ou mais tarde) todo o setor precisa se organizar para minimizar os danos e aproveitar para aumentar a competitividade da aquicultura brasileira. O Brasil tem todas as condições técnicas para competir com a China, temos todos os insumos necessários para a produção de ração, disponíveis localmente; regiões com clima mais adequado; melhor qualidade e maior disponibilidade de água, etc., mas ainda falhamos em algumas questões estruturais - o famoso "custo Brasil". Acredito no livre mercado e se não conseguimos ser competitivos não merecemos produzir, mas dado o estágio inicial da aquicultura nacional (há apenas 20 anos produzíamos cerca de 4.000 toneladas ano!) ainda não temos condições de entrar nesta briga de igual para igual. Para proteger esta infante indústria que já dá sustento a mais de 500.000 pessoas no país, várias ações devem ser tomadas no curto prazo pelo setor produtivo, junto com o MPA, para aumentar a competitividade do setor e produzir dados para que a abertura, quando feita, permita

um tempo de adaptação à aquicultura brasileira. Algumas ações necessárias:

Fazer um estudo comparativo da real competitividade dos produtos da aquicultura brasileira, especialmente camarão e tilápia, em relação aos produtos chineses. Isto envolve inclusive ir à China para verificar se realmente os baixos preços são obtidos apenas com as vantagens citadas acima ou se não há nenhum tipo de subsídio ou vantagem desleal dado ao setor.

O setor produtivo deve participar ativamente de todas as discussões envolvendo este assunto, participando de todos os fóruns. É importante discutir e preparar eventuais termos condicionais para permitir a eventual abertura, como a imposição de taxas e/ou cotas para os produtos a serem importados. O setor da carcinicultura ainda tem a ABCC, mas o setor da piscicultura carece de uma representação mais forte.

Estudar maneiras de desonerar a cadeia produtiva da aquicultura e melhorar a sua logística.

Incentivar ainda mais o desenvolvimento da aquicultura brasileira de modo a ganharmos escala e profissionalizar o setor. Isto pode ser feito, por exemplo, através de linhas de financiamento com taxas de juros e condições especiais para o setor, desenvolvimento de novos produtos e mercados, etc.. Será que os chineses não se interessam em vir produzir aqui?

O setor também precisa se comunicar melhor com os setores que estão demandando a importação do pescado chinês. Tenho certeza que todos prefeririam trabalhar com um produto nacional. Não seria mais interessante chegar a um acordo onde todos (produtores e comerciantes) trabalhem com margens um pouco menores em prol de maiores volumes? Mas é importante também mostrar que os custos de produção no Brasil são realmente altos e desfazer a imagem que os produtores estão trabalhando com margens excessivas.

Creio que a grande maioria do setor da aquicultura concorda que a criação do MPA foi benéfica, trazendo mais representatividade e visibilidade para o setor. Até este momento o ministério tem sido um importante aliado do setor nesta questão. Quem sabe onde estaríamos se a aquicultura ainda fosse representada por algum órgão do terceiro escalão do Ministério da Agricultura? Mas o MPA, com um orçamento de mais de 820 milhões de reais em 2010, tem a responsabilidade de não deixar a aquicultura nacional desprotegida e deve atuar fortemente em sua defesa. Afinal, se não fizer isto, é melhor pegar a parte destinada à aquicultura deste orçamento e, simplesmente, dividir este valor entre os aproximadamente 100.000 aquicultores do país. Daria aproximadamente uns R\$ 3.500,00/ano para cada aquicultor brasileiro, uma bela bolsa-pescado. O setor produtivo, que é o que tem mais a perder em toda esta estória, precisa se organizar melhor e tratar de se fazer ouvir. Caso contrário, o próximo filé de tilápia com molho de camarão que vamos comer, terá uma grande probabilidade de ter sido criado do outro lado do mundo. ■